



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**REPRESENTAÇÕES DE MULHERES LEITORAS NA PINTURA E AS
RELAÇÕES COM OS PROJETOS DE MODERNIDADE PAULISTA NO
FINAL DO SÉCULO XIX**

Simone Cléa dos Santos Miyoshi*

O trabalho abarca a representação visual de leitoras no Brasil, mais precisamente em São Paulo, entre o final do século XIX e o início do XX. Propõe ampliar o entendimento dessas representações tendo como enfoque inicial as pinturas do brasileiro José Ferraz de Almeida Júnior¹. A escolha do artista não é casual, sobretudo porque ele é considerado um importante pintor naturalista da época, tratando de forma exemplar o cotidiano e as práticas comuns, figurando tanto homens quanto mulheres do povo e da alta sociedade.

Além de ampliar o entendimento sobre essas representações, este trabalho propõe algumas reflexões acerca das possíveis relações dessas imagens com o ambiente político-educacional do período e os projetos de modernidade da capital paulista. Essas obras foram feitas numa época de intenso debate e transformações nessa área, em que os governos no Brasil buscavam e aspiravam à construção de uma nação republicana, apartada do ideário e roupagem monarquista. A capital paulistana se configurava como

* Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Email: simclea@hotmail.com.

¹ Almeida Júnior nasceu em Itu (SP), em 1850 e faleceu em Piracicaba (SP) em 1899. Foi um pintor importante, entre outros motivos, por retratar com sucesso o povo do campo. Entre suas obras mais famosas estão: *O derrubador brasileiro* (1888), *Caipira picando fumo* (1893), *Amolação interrompida* (1894), *Saudade* (1899) e *A partida da monção* (1899)..

um dos palcos dessa mudança, almejada por seus governantes para ser um modelo ao país.

Almeida Júnior dialoga em suas telas com muitas dentre as questões de seu tempo, denunciando dilemas, conflitos e saídas, além de realizar tema regionalista, cenas religiosas e retratos, naquela São Paulo que dava costas ao século XIX (LOURENÇO, 2007, p.54)

A representação de uma mulher leitora em uma pintura pertencente ao acervo do governo do estado, nesses tempos desejosos de grandes mudanças, parece bastante pertinente e oportuno. Contudo, muitas questões surgem ao estabelecer relações entre quadros desse tipo e o momento histórico em que surgiram. Refletir acerca das influências dessas imagens, não apenas no sentido em que elas poderiam ser usadas para educar o olhar do público, mas também de sugerir e inspirar novos comportamentos e práticas num país pouco letrado, onde a mulher não tinha participação ativa, é o principal objetivo deste trabalho.

REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NA PINTURA DE ALMEIDA JÚNIOR

É possível perceber através de uma observação inicial das imagens certa idealização das práticas sociais e culturais, pois ao mesmo tempo em que elas buscavam atender a um dos principais preceitos artísticos da época - o naturalismo - algumas práticas ainda não condiziam com a realidade da época, portanto essas imagens não eram não eram cópia fiel da realidade. Dessa maneira, Almeida Júnior representou mulheres leitoras em seus quadros *Leitura* (1892)², *Moça com livro* (sem data)³ e *Repouso* (sem data)⁴. Tomaremos essas obras como nosso objeto de análise.

Essa aparente dicotomia entre a realidade e a sua representação possibilita construir diferentes perspectivas acerca das obras e o momento histórico no qual foram concebidas. Diversas e complexas questões surgem. No entanto, elas só poderão ser mais bem explicitadas após estudo circunscrito das obras.

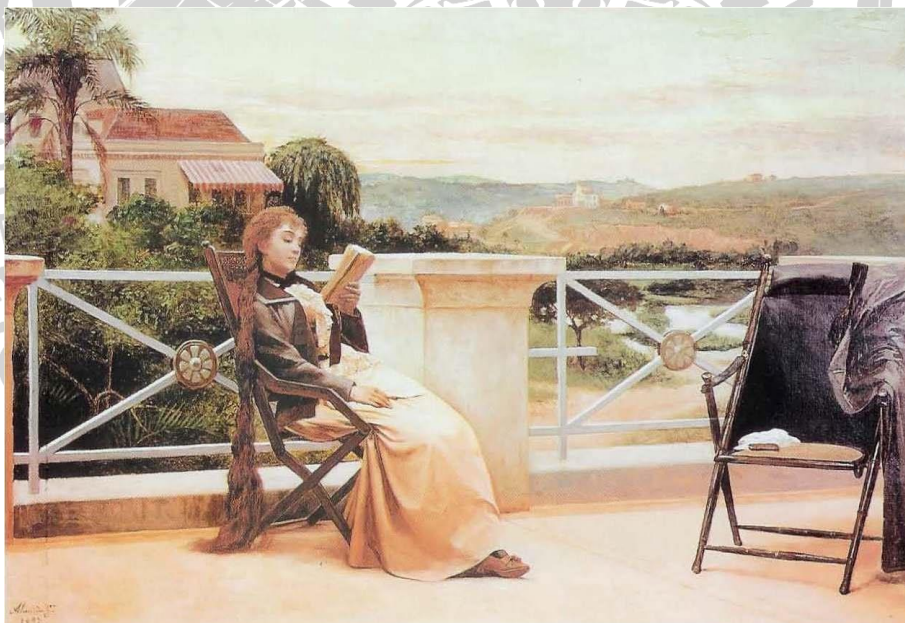
Para LOURENÇO (2007), através das obras de Almeida Júnior é possível:

² Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo em São Paulo,

³ Acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP) em São Paulo.

⁴ Acervo particular em São Paulo.

recuperar o olhar do artista para seu tempo e distintas vertentes selecionadas para entender o ser humano na forma e em conteúdo. Singulariza-se também como um pintor preocupado com questões do futuro em seu país, em linha humanista e sintonizada com as forças mais modificadoras. (LOURENÇO, 2007, p.54)



Leitura (1892)

No quadro *Leitura*, uma jovem lê confortavelmente. Ao fundo, uma paisagem bucólica, poucas construções, uma igreja ou teatro ao longe marca o horizonte. A cadeira ao lado possivelmente demonstra que uma pessoa possa estar por perto. Imediatamente afloram as primeiras questões. Quem é essa mulher, tão absorta em sua leitura? Qual o conteúdo de sua leitura? Essa imagem seria representativa de uma época ou sociedade? Ou seria uma aspiração, inspiração de tempos desejosos de mudança?



Moça com livro (s/data)

Em uma breve contemplação do quadro *Moça com livro* observamos a priori uma moça envolvida pela vegetação. Ela e o livro parecem fundir-se: o branco de suas vestes misturam-se ao livro, seu semblante meditativo sugere a reflexão, o devaneio, o prazer, as mãos evocam uma ação, um desejo de continuação.

Já no quadro *Repouso* uma mulher jovem descansa. Parece dormir e sonhar. Possivelmente cochila após a leitura. Suas vestes entreabertas e relaxadas sugerem certa sensualidade e intimidade. No entanto, a mulher não abandona o livro: o segura com uma das mãos, sem soltá-lo.



Repouso (s/data)

Múltiplas indagações surgem. Como essas imagens impactaram no momento de sua concepção? Como ocorreu sua recepção? Que reflexões suscitaram? Quais relações podem ser estabelecidas entre os quadros e as práticas de leitura da época? Como as mulheres leitoras eram vistas ou representadas na literatura, por exemplo? Qual era o imaginário acerca dessas mulheres?

Segundo MANGUEL (2001), as imagens estão disseminadas no nosso cotidiano. A todo tempo elas estão presentes comunicando algo ou apresentando uma leitura de mundo. A análise das relações entre a imagem da leitura e o próprio ato de ler – atribuição de sentidos, significados diferenciados por cada sujeito leitor – deve levar

em consideração a sua história, sua sociedade e as diferentes formas de ver e interpretar o mundo que as cerca.

Para CHARTIER (1990), essas representações permitem, sobretudo, pensar uma dada realidade dentro de uma perspectiva da História Cultural, onde é possível perceber os aspectos sociais e conceituais de determinado espaço ou tempo, construindo sentidos, pois podemos entendê-las como “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (p. 17).

Leitura foi pintada em 1892, época marcada pela constituição da Primeira República (1890-1930) e seu ideário. Os políticos republicanos desejavam um Brasil renovado, sobretudo na área da Educação, considerando novos rumos para o ensino público brasileiro.

As discussões políticas da época eram permeadas por correntes ideológicas distintas. Jacobinos, liberais e positivistas disputavam entre si quanto às aspirações e ideários à formação da nova nação.

Como discurso, as ideologias republicanas permaneciam enclausuradas no fechado círculo das elites educadas. Mas seja pelo próprio conteúdo do discurso, seja pelos elementos utópicos, elas acabavam por postular a saída do fechado e restrito mundo das elites, acabavam por defender, cada um a sua maneira, o envolvimento popular na vida política. (CARVALHO, 1990, p.10)

Nesse contexto, repensar o ensino das primeiras letras e a estrutura do equipamento escolar era palavra de ordem. Pois, somente instruindo o povo poderia se alcançar os objetivos inerentes à formação de um novo cidadão. Buscou-se construir novas escolas e espaços diferenciados de formação, com projetos de novos espaços e introduzindo-se neles quadros, esculturas e marcos que valorizassem o pensamento republicano. Os prédios escolares eram marcados pela monumentalidade e pelos símbolos de cultura e progresso.

As propostas educativas atribuíam ao espaço escolar o dever de formar um cidadão “renovado”, onde a instrução escolar, sobretudo a alfabetização da massa fosse o desencadeador dessa mudança. Promovendo a superação da ignorância e do analfabetismo, contribuindo dessa maneira para modernização do país. A Educação então se constituía como princípio de ordem e progresso. Instaurou-se o ensino laico nas escolas

públicas, com a clara intenção de desligar-se do pensamento religioso que até então comandava as escolas.

Rui Barbosa, neste mesmo período, escreve os *Pareceres sobre a Instrução Pública Primária*. Barbosa se apresenta como grande crítico das políticas educacionais do Império e suas práticas formalistas, que defendiam os métodos, valorizavam a experiência, atenção, memorização através de imagens, livros, cartilhas, o aguçar dos cinco sentidos e percepção visual.

Juntamente com Barbosa, Benjamim Constant, introduz o ideário positivista na Educação. Paralelamente, os republicanos se aproximavam cada vez mais desse pensamento. August Comte (1798-1857) ambicionou a regeneração moral da sociedade francesa. No Brasil, o pensamento era similar: os republicanos almejavam o desenvolvimento da ciência e da sociedade.

Para Schwarcz e Costa (2000), a virada do século XIX para o XX é o tempo das certezas, onde uma onda de otimismo assolava o país. Era a “vitória da “sciencia”” e a “derrota do obscuratismo”:

Momento para sonhar e imaginar, a chegada da virada do século enchia os olhos daqueles “cidadãos novidadeiros”. Era hora de não só mapear o presente, como também planejar o futuro. Se a chegada de um novo século sempre fez sonhar, talvez tenha sido o fim do século XIX o que melhor concretizou esse tipo de utopia. As exposições universais passavam a demonstrar didaticamente o progresso e a imaginar o amanhã; os mapeamentos e inventos olhavam para os impasses do presente (p.10)

Tal era o ambiente cientificista que o naturalismo atravessava as disciplinas. No caso das artes plásticas, Almeida Júnior costuma ser classificado como legítimo representante da pintura naturalista brasileira. Do mesmo modo, na pedagogia, as formas de ensino e aprendizado deveriam se inspirar do natural. Foi o próprio Secretário de Interior do Estado, Cesário Motta Júnior (1847-1897) – pessoa próxima de Almeida Júnior –, quem defendeu o “método intuitivo” na educação:

É, pois, indispensavel a escola pratica, na qual não só o alumno-mestre applique as normas que aprendeu, como ainda se habilite a conhecer, a dirigir a creança, a prezal-a; [...] que os esforços do Estado, e os sacrificios que faz, visam antes de tudo, aquellas criaturazinhas; que é preciso estuda-las em as diversas fases do desenvolvimento intellectual e sensorio; auxiliar a sua evolução, fazendo que adquiram noções exactas das cousas em todas as espheras da actividade humana, sem

prejudicial-as sobrecarregando-lhes a memória, o que mais tarde lhe poderia trazer exaurimento, inação e quiçá atrofiamiento.

Ensinar de modo, quanto possível, intuitivo, segundo os preceitos de Pestalozzi, facilitar o desenvolvimento dos sentidos, aproveitando-lhes a curiosidade, como quer Froebel⁵

O excerto esclarece as fontes de Cesário Motta Júnior. Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) e Friedrich Fröbel (1782-1852) são continuadores e renovadores do pensamento de Rousseau, para quem o indivíduo é por natureza um ser bom, dependente apenas de orientação e instrução. Cesário Motta parece ter sido um dos principais articuladores na criação do primeiro museu de arte de São Paulo, dentro do qual *Leitura*, juntamente com quadros de Almeida Júnior na temática “caipira”, seria uma das primeiras obras ingressantes. Essas obras formariam o núcleo mais valorizado de sua pinacoteca nos anos iniciais.

Grosso modo, podemos dividir as pinturas que retratam pessoas com livros em duas categorias: 1) aquelas voltadas para um mercado das artes, geralmente de pequenas dimensões e de caráter mais intimista; e 2) aquelas destinadas à apreciação pública, ou seja, aos museus e repartições de governos, muitas vezes de grandes dimensões e com finalidade à propaganda política ou a homenagens. Embora as telas de Almeida Júnior se enquadrem melhor na primeira categoria, o fato de *Leitura* ter sido encaminhada para um museu público pode ser significativo das aspirações do governo com relação à temática do quadro.

No entanto, no intercurso da pesquisa ainda cabe desvendar e conhecer mais profundamente as relações entre a iconografia de mulheres com livros e momento histórico a qual foram concebidas. É possível refletir sobre as obras de arte e suas ligações com o pensamento vigente. Se essas pinturas representavam um novo cidadão letrado, possivelmente simbolizando o crescimento intelectual da nação, por outro lado também pode haver outros sentidos menos óbvios e que um estudo aprofundado poderá ajudar a compreender. Ficam algumas questões que ainda merecem serem exploradas. Quais leituras podemos fazer acerca dessas imagens, o que elas informam e nos dizem? Além de informar ou nos apresentar uma prática, elas supostamente podem educar o olhar e as sensibilidades, ou um modo de ser no mundo?

⁵ MOTTA, p.139.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. “As práticas da escrita – Práticas da leitura”. CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras (Companhia de Bolso), 2009, pp. 113-162.

COLI, Jorge. *Como estudar a arte brasileira do século XIX?* São Paulo: Editora Senac, 2005.

FRIAS, Paula Giovana Lopes Andrietta. *Almeida Junior: uma alma brasileira?* Dissertação de mestrado em artes visuais. Campinas: IA Unicamp, 2006.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Almeida Júnior - um criador de imaginários*. Catálogo de exposição na Pinacoteca do Estado. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2007.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARIN, Louis. “Como ler um quadro”. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. 4ª. edição revista. São Paulo: Liberdade, 2009, pp. 77-105.

MOTTA, Cássio. *Césario Motta e seu tempo*. São Paulo: S.C.P, João Bentivegna, 1947.

PRIORI, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto / Editora UNESP, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e COSTA, Angela Marques da. *Virando Séculos – 1890 a 1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.



História Cultural